



VOZ DA FÁTIMA

ÁVE, MARIA!



Director e Proprietário
Dr. Manuel Marques dos Santos

Empresa Editora
«União Gráfica» R. Santa Maria, 158-Lisboa

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Administrador
P. António dos Reis

Redacção e Administração
«Santuário da Fátima» — Sede em Leiria

CRÓNICA DA FÁTIMA

13 de Junho

A procissão das velas

Jamais, por ventura, desde a época memorável das aparições, o dia 12 de Junho se apresentou, como este ano, nublado, frio e triste, por todo o vasto planalto, árido e monótono, da Serra de Aire, onde a augusta Rainha dos Anjos, para bem de Portugal, se dignou erguer o trono das suas graças e da sua misericórdia.

Um vento húmido e agreste soprava incessantemente, parecendo redobrar de violência depois do pôr do sol.

Por esse motivo, a procissão das velas, que principiou às 22 horas, não revestiu o brilho e a imponência que costuma ter nas noites serenas e formosas da primavera e do estio.

A multidão de fiéis que acorreram dos diversos pontos do país e daquela hora já se encontravam na Cova da Iria era bastante numerosa, podendo computar-se em muitos milhares.

A adoração nocturna. As missas

Da meia-noite às 2 horas, realizou-se a cerimónia, sempre tão bela e tão tocante, da adoração nacional. Presidiu S. Ex.^{ca} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que explicou os mistérios gloriosos do Rosário, em práticas intercaladas nos intervalos da recitação das dezenas do respectivo tálio.

Depois efectuaram os seus turnos especiais de adoração as peregrinações de Coimbra e Sintra das 2 às 3 horas, a de Alijó das 3 às 4, a de Nevogilde (Pórtio) das 4 às 5 e a de Palmá das 5 às 6. Desta última peregrinação fazia parte um numeroso grupo de crianças da Cruzada Eucarística da respectiva freguesia.

As peregrinações de Palmá, Coimbra e Alijó tiveram a sua missa privativa, respectivamente, às 6, 8 e 8 e meia horas.

Os Escutas

As 9 horas houve uma missa para os escutas da região de Lisboa, do Corpo Nacional de Escutas, a que se agregou um pequeno grupo de escutas de Setúbal.

Eram ao todo cerca de 40 rapazes que imprimiram à peregrinação do dia 13 de Junho uma nota característica de alegria, de juventude e de piedade, que só eles sabem dar.

PELO SANTUÁRIO

Urbanização da Fátima

No dia 5 de Junho o sr. Bispo de Leiria foi recebido pelo sr. Ministro das Obras Públicas em cujo Ministério tiveram uma larga conferência sobre a urbanização da Fátima.

O sr. Ministro mostrou-se muito interessado e prometeu dar andamento às obras depois de se assentarem no plano geral.

Acompanharam o sr. Bispo o sr. dr. Carlos Mendes e o arquitecto sr. João Antunes.

Lindo gesto da Aviação Militar Portuguesa

Nunca estiveram nas peregrinações da Fátima tantos aviões como este ano, em maio.

Dos aviões foram lançados ramos e pétalas de flores que o povo apanhava para levar como recordação.

Essas flores foram colhidas no aeródromo de Tancoas pelas Ex.^{mas} Esposas dos Aviadores que o quiseram acompanhar nesta manifestação de amor à Santíssima Virgem e foram essas senhoras que as lançaram.

A Santíssima Virgem proteja a nossa aviação.

Duquesa da Baviera

Em peregrinação a Nossa Senhora da Fátima esteve no seu Santuário na Cova da Iria no dia 18 do mês passado, Sua Alteza Real a Senhora Infanta D. Maria José, Duquesa da Baviera.

A Senhora Duquesa assistiu à santa missa celebrada por S. Ex.^{ca} Rev.^{ma} o sr. D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria, na capelinha das aparições, e em seguida, foi visitar todo o santuário mostrando-se muito interessada por tudo e encantada com as obras já realizadas.

À entrada do recinto do Santuário, estavam armadas as barracas de campanha dos escutas onde passaram parte da noite, fria como uma noite de inverno.

Achava-se também presente uma representação da Associação dos Representantes de Portugal.

A Missa e a Bênção dos doentes

A missa dos doentes foi celebrada pelo rev.^{mo} José da Cruz Perdigão, pároco da Marinha Grande. Durante essa Missa, um doente, que tinha vindo de Lisboa e que estava paralítico havia 9 anos, levantou-se, abandonando as muletas que usava. Outros doentes sentiram apreciáveis melhoras.

Do Evangelho pregou o rev.^{mo} Cônego Júlio António dos Santos, antigo pároco da freguesia de Santa Cruz da cidade de Coimbra e actualmente director espiritual do Seminário Diocesano. Dirigindo-se aos doentes, disse que este mundo é um imenso Calvário e que cada um de nós está pregado na sua cruz, devendo todos suportar o sofrimento, não blasfemando, como o mau ladrão, mas com humildade e paciência, à semelhança do bom ladrão.

Deu a bênção aos doentes com o Santíssimo Sacramento o venerando Prelado de Leiria, tendo segurado a umbela o sr. dr. Weiss de Oliveira, antigo Governador Civil.

As comunhões distribuídas nas missas celebradas no dia 13, nos diferentes altares do Santuário, foram, aproximadamente, cinco mil.

O adeus

Antes de terminar a Missa dos doentes, o sol, que até esse momento se conservava invisível, rompeu as nuvens, tornando mais belo e mais imponente o espectáculo do cortejo que reconduziu a veneranda Imagem de Nossa Senhora de Fátima ao seu altar, na Santa Capela das aparições.

O ciclo dos actos religiosos do dia 13 encerrou-se com a comovera cerimónia do «Adeus», em que parecia que a Virgem Santíssima sorria e abençoava os peregrinos e estes deixavam os seus corações presos para sempre naquela estância privilegiada, onde palpita a alma cristianíssima de Portugal.

Visconde de Montelo

NOTA DO MÊS

Maria Santíssima continua incansável na sua missão de Mãe a derramar sobre Portugal bênçãos e graças que nos dão a doce esperança de melhores dias.

Entre outros, trouxe-nos agora este mimo que vai encher tanta casa escura e fria de radiosa e saudável luz natural e sobrenatural: — As nossas cadeias civis vão ter assistência moral e religiosa! Louvado seja o Senhor!

Os miseráveis e pobres encarcerados não raro vítimas, mais dos crimes e corrupção da sociedade do que das suas próprias acções, sentirão junto de si o doce amigo dos infelizes a lançar-lhes bálsamo de consolação nas suas pobres almas.

É possível que a grande maioria dos leitores da Voz da Fátima não tenha ainda visitado uma cadeia. Não imaginam! A impressão que se tem ao entrar naquelas salas lugubres de paredes grossas e gradeadas de ferro, é bem mais triste e esmagadora do que a que se sente ao entrar num hospital.

Neste, há muita vez apenas o sofrimento físico, adorado não raro com a resignação cristã. Naquelas há sobretudo a tortura das almas que andam longe do caminho da luz, pela qual instintivamente anseiam, ao mesmo tempo que os seus corpos maltrapudos e mal zeitados se arrastam numa languidez mais própria da morte que da vida.

A assistência moral e religiosa que agora vai ser prestada oficialmente a esses nossos irmãos que Jesus deseja no Seu redil de amor, será uma estrêla a chamar-lhes para o alto os corações capazes de amor como os nossos, mas prostrados pelo desalento e pelo escárnio. Bemlita a hora em que os homens que dirigem os nossos destinos nacionais resolverem transformar essas casas de corrupção (e não de correção) em escolas de bem e de regeneração, por meio duma higiene moral que é a única capaz de tanto!

Dentro em breve lá estará Jesus Sacramento no meio d'elles a dizer-lhes:

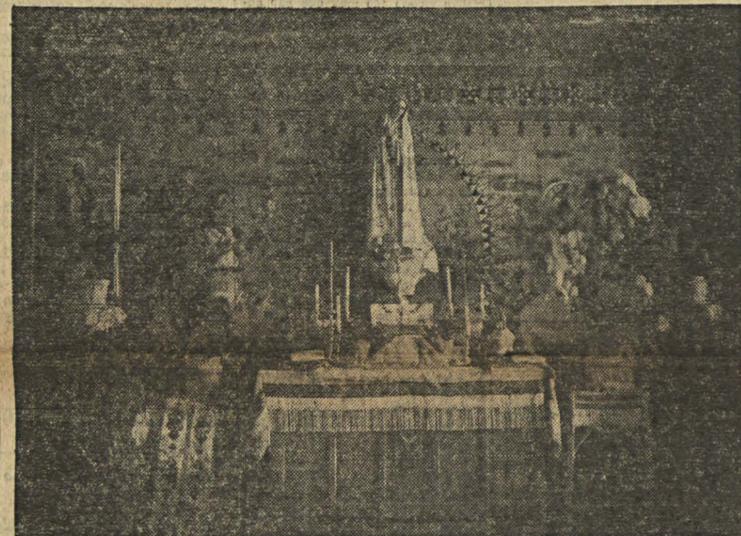
«Filhos, a dor é o cadinho das almas grandes. Olhai para o Meu exemplo — Eu que sou Deus e

estou convosco! A uns repetirá as palavras que disse a Lázaro, a outros as que disse ao cegoinho; a estes dar-vos-á, aqueles curará as chagas... Como vai ser linda e fecunda a assistência do Divino Mestre nessas prisões, ensinando a verdadeira e única doutrina que é capaz de fazer do sofrimento uma fonte de alegria e de felicidade! E será então Nossa Senhora quem O irá levar aos encarcerados, como dádava de mãe a seus filhos muito amados, como fruto abençoado de suas virgínicas entranhas. Já há muito que Ela — a Senhora da Fátima — por lá passava modestamente nas gravuras e colunas do seu jornalzinho garantindo a esses torturados que não os havia de esquecer junto de Seu bemlito Filho.

E a sua promessa aí está a cumprir-se. As nossas cadeias vão ser casas de Deus, e Deus far-se-á mais uma vez preso por amor dos seus presos.

Bemlito seja Ele.

Fernão Pires



«Imagem e altar de Nossa Senhora da Fátima, na casa de exercícios de N. S. da Fátima em Tlumacz — UCRANIA POLACA».

Palavras mansas

PRESENTE!

O Rev. Cônego da Sé do Pórtio, dr. Correia Pinto, professor do Seminário da mesma cidade, deputado da Nação, fizesse ornação do pulpito e primoroso conferenciante, principiou a sua valiosa colaboração na «Voz da Fátima» com algumas tão singelas e lindas «Palavras mansas» que foram a delícia dos antigos leitores da «Palavras».

Agradecemos, sempre as boas vindas ao querido Antigo e chamamos para os seus discursos a atenção dos nossos leitores.

Uma voz autorizada e amiga convidou-me gentilmente a colaborar na Voz da Fátima.

Tinha muitas razões para recusar-me. Já não sei bem onde está a pena com que servi algum dia a verdade religiosa e estou numa idade em que o silêncio me diz que é realmente de ouro. Sinto também um pouco daquela melancolia densa e incurável com que Mont'Alverne, o grande pregador brasileiro, já proveyto e cego, fez, numa das igrejas do Rio, o panegírico de São Pedro de Alcântara, que foi no seu tempo um prodígio de austeridade!

Tinha muitas razões para recusar-me. Não faltam nunca, a quem precisa de chamar por elas, estas razões, que, por mais sinceras e fundamentadas que sejam, dificilmente encontram acolhimento e produzem convencimento. Entre as pobres razões humanas, foram sempre estas as mais frouxas e suspeitas...

Não se pode confiar nelas. Razões de mau pagador...

Calei-as, pois. A voz, que me convidava, tão amiga e sorridente, era uma voz de comando. Não impressionava apenas a superfície; ia até à consciência. Pedia amavelmente, gentilmente, porque tem da autoridade que representa o conceito de Santo Agostinho, profundamente cristão. Pedir assim é um mandar que ainda prende e obriga mais.

Como a saudade é quasi sempre uma extensão sentimental da convivência, continuação a ser-me familiar essa voz, que veio de tão alto e de tão longe, falar-me da Voz da Fátima.

Há anos já que a ouvi pela derradeira vez no Pórtio a fazer eloquentemente o elogio dum Bispo.

Clera, insinuante, sugestiva,

conquistadora, vibrante de emoção e de justiça.

Voz singularmente querida dos auditórios do Norte por ter, ao mesmo tempo, elevação e docura, por dar à verdade o aspecto mais atraente. Voz que todos entendiam, voz amada...

Por acalentar também os pobres é que o sol é bendito...

Quantas dedicações e quantas generosidades essa voz familiar e sorridente mobilizou incansavelmente em favor da boa causa!

Ainda faz bem recordá-lo. Voz de incitamento, de apelo e de combate, singularmente organizada e construtiva, Deus era sempre com ela.

Não se faz mister insistir mais. O passado também manda. Obedeço, colaboro.

Pudesse eu fazê-lo com a fé simples e viva dosromeiros, que vão de longe, descalços, por caminhos de provação, guiados sempre pelo rasto lúmpino que na Fátima deixou Nossa Senhora! Pudesse eu fazê-lo com a devoção ardente e comunicativa de tanta e tanta gente que na Fátima comunga e reza e vela e canta! Pudesse eu fazê-lo como quem acende mais uma vela na procissão maravilhosa, para saldar Maria e afugentar a noite que desde ameaçadoramente sobre o mundo!

Colaborei. Farei todos os meses, piedosamente, com a pena a correr sobre o papel, a minha peregrinação à Fátima. Rezar, cantar, pensar, escrever, são outras tantas formas de traduzir, com mais ou menos intensidade o amor a Nossa Senhora. Peregrinação de pobre, que oferece coisas onde pode faltar o brilho, mas não a sinceridade...

A Voz da Fátima passou rapidamente a fronteira. Começou por ser voz de crianças, a mesma voz com que rezavam pelas encostas da serra, e ninguém a pôde calar! Foi depois voz de pregadores, de teólogos e de Bispos. Voz dum terra ignorada, terra sem voz em Portugal e no mundo. Voz de milagre, que vai de povo a povo, de continente a continente!

Na sociedade contemporânea reboam por toda a parte, em todos os sentidos, vozes de insubmissão, de discordância e mentira. Vozes do ferro e do aço, que não raro tomam a forma de petardos homicidas e facho-

FALA UM MÉDICO

III

A VAIDADE

«Vaidade de vaidades, e tudo vaidade», diz a Escritura Sagrada (Ecl. 1, 2 e XI, 7).

De que tem vaidade a criatura humana? Envaidece-se a donzela da sua formosura? Apesar de todos os artificios, não há nada mais frágil e, ao mesmo tempo, impressionado, uma bela mulher, não podemos esquecer-nos que a delicadeza das suas formosas linhas em breve desaparecerá, e que estamos apenas em presença duma caveira bem vestida, na dura mas rigorosamente exacta definição do P.^o António Vieira.

Tem vaidade o homem possuidor de riquezas? Tudo pode sumir-se num instante e o argenteário terá que dizer:

«Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor o deu, o Senhor o tirou.» (Job. 1, 21).

Envaidece-se o que ocupa elevadas posições sociais?

Todos os dias vemos desmoronar altos castelos e são constantemente actuais as palavras da Virgem Maria:

«Ele manifestou o poder do seu braço, dissipou os que, no fundo do seu coração, formavam altivos pensamentos. Depois do trono os poderosos e elevou os humildes. Encheu de bens os que tinham fome e despediu vazios os que eram ricos.» (Luc. 1, 51-53).

Orgulha-se o artista por pintar um belo quadro e o sábio por fazer uma genial descoberta?

Não há, nunca houve pintor algum, capaz de reproduzir na tela, com inteira exactidão, a frescura do colorido de uma rosa, nenhum químico se atreve a obter por síntese o perfume de um cravo ou uma substância

que tenha o sabor delicadíssimo de um fruto: E não consta que o Governo algum dia conferisse a uma roseira ou a uma lanarinha a comenda da muito nobre, antiquíssima e esclarecida Ordem de S. Tiago da Espada, do mérito científico, literário e artístico...

Todas as grandezas desaparecem com a doença e a morte e a obra humana não é, por fim, mais que a poeira da estrada.

O homem imodesto torna-se, pois, ridículo e revela fraca inteligência.

P. L.

Oferta da Banqueta manuelina a Nossa Senhora da Fátima

É de Bissau, na importância de 345\$000, o último donativo que acabamos de receber destinado à subscrição aberta em todo o Império Português para a oferta da conhecida e admirável banquetta manuelina ao Santuário da Fátima.

Acham-se já representadas, por óculos mais ou menos importantes, quasi todas as dioceses de Portugal. As poucas que faltam não queremo, por certo, deixar de prestar, por este meio, uma piedosa e perdurável homenagem à Virgem Nossa Senhora.

Já não estamos muito longe da soma necessária. A Comissão que tomou a iniciativa desta linda manifestação de amor a Maria, apela para todos os seus devotos para que intensifiquem a propaganda, de forma que, o mais brevemente possível, no altar do Santuário da Virgem da Fátima, padroeira de Portugal, se ostente, embelezando o culto de Maria, um dos mais belos produtos da ourivesaria nacional.

Neste jornal recebem-se, donativos, ficando aberta a subscrição:

«Voz da Fátima»..... 150\$00

CINCO MINUTOS AO CAVACO

Ou sim ou sopas!

— O compadre Lirio, leu o último número da «Voz da Fátima»?

— A falar a verdade, compadre Aristides, não tive tempo. Ele são as lavouras atrasadas, as vides para sulilar, as batatas para sachar, exertos para fazer, por causa da lei do corta videiras, enfim, parece que se ajuntou quanto serviço há no mundo, para esta maré!

— Concorde compadre, a invernia atrazon tudo, porém, não há-de ficar nada por fazer. Mais vale a quem Deus ajuda, do que quem cedo madrugou. Agora é mudar a perna e confiança em Deus. No entanto, deixe-me dizer-lhe, compadre Lirio: na roda do mês, sempre se devem tirar uns minutos para ler o nosso querido jornal: ou de sexta, ou ao domingo, ou quando mais jeito fizer. Já se vê que o jornal deu muito trabalho a arranjar, não é para embulhar isens de bacalhau: é para se ler...

— Mas então que dizia ele, compadre Aristides?

— Trazia uma relação das poucas vergonhas que se têm praticado na Espanha.

— Ah! sim, a queima das igrejas e conventos?

— Sim, mas não é só isso. Ora ouça, compadre: Desde 16 de Fevereiro até 2 de Abril houve 109 ataques a edifícios (igrejas, centros políticos, repartições, casas particulares). Foram incendiadas 106 igrejas e 45 edifícios públicos e particulares. Deram-se 85 atentados contra particulares e 24 ataques à bomba. Pessoas mortas: 74; feridas: 345.

— Oh! co' a maleita! Mas isso será verdade, compadre? Não serão petas dos jornais?

— Antes fossem, compadre Lirio. Mas esta relação foi lida no Parlamento espanhol, por um deputado, e ninguém se atreveu a negá-la!

— Deus nos acuda, compadre Aristides! E como é que a Espanha chegou a esse ponto? Diziasse que era uma nação tão católica...

— Sim, dizia-se e é verdade; mas as coisas chegaram a estes extremos e ao mais que ainda se verá, por culpa de todos: católicos e não católicos, grandes e pequenos.

— Então diga lá, compadre.

— Ora ouça. Há muitos católicos entre os chamados conservadores que, em vez de se unirem todos, na defesa da Pátria contra o bolchevismo, deixaram o campo livre ao inimigo e, por ocasião das eleições, não estiveram para se incomodar. Assim, foram a causa do triunfo das esquerdas. Mais, há

católicos, mais católicos, sem diávida, que são industriais e proprietários: em vez de seguirem as regras que o Santo Padre tanto se tem cansado de apontar aos patriões, consideravam os seus operários, como escravos: pagavam-lhes pouco, obrigavam-nos a trabalhos demasados, sem conforto nem protecção, e assim iam criando um espirito de revolta permanente, do trabalhador contra o senhor.

Mais ainda: quasi dois terços das terras de Espanha estavam nas mãos dos grandes, que viviam na cidade ou no estrangeiro, não vendendo, nem aforando, nem dando a ninguém um palmo de terra.

(Continua na 2.^a página)

ANTIGOS COMBATENTES CATÓLICOS

Assisti em massa

no

CONGRESSO

Peregrinação Internacional

da

PAZ

em

LOURDES

Nos dias 11, 12, 13, 14 e 15 de Setembro de 1936

Organizado por a Liga dos Padres Antigos Combatentes (P. A. C.)

SECÇÃO PORTUGUESA:

SOB A PRESIDENCIA DE

Sua Eminência Reverendíssima o Senhor

Cardial Patriarca

e com a assistência do

VENERANDO EPISCOPADO PORTUGUÊS

Director Nacional: Sua Excelência Rev. verendíssima o Senhor Bispo de Beja, Antigo Capelão-Chefe do C. E. P.

Na secção portuguesa, podem inscrever-se todos os católicos que participem dos ideais da Paz.

Pedir indicações ao Secretariado do Congresso-Peregrinação da Paz.

Praça dos Restauradores, 13

LISBOA

Telefone: 23188

AVISO IMPORTANTE: Só as pessoas que se inscreverem neste Congresso-Peregrinação poderão assistir às cerimónias em Lourdes. Nos dias 11, 12 e 13 de setembro, a Gruta e o recinto estão exclusivamente destinados às cerimónias da P. A. C.

TRAPPOS (CONTO)

Vamos a isto! E o antigo soldado, que nada fazia recordar já a exceção dum lenho profundo de arrepanhar-lhe uma das faces, abandonava a lareira, encolhido, tropeço, e vinha sentar-se à mesa cuja abundância consistia apenas nos lugares em redor, marcados por malgas grosseiras.

Isto, de facto, não merecia o nome de ceia — a ceia reconfortante de que careciam todos os habitantes daquele lar sombrio: o pai, pedreiro; o tio, ex-soldado, recoveiro; a mãe com o mais novo filho agarrado ao seio, a avó, saciada por uma tosse contínua; dois rapaziços que, após as horas de escola, faziam recados de vizinhança; duas pequenitas que todo o santo dia percorriam a vila a garotar ou a esmolhar, e a mais velha do rancho, amarrada à costura dez e mais horas por dia. Brilhava esta esplendorosamente naquele momento, no interior denegrido, no meio de tanto farrapo, mas dum brilho falso que em vez de animar, confrangia. As crianças olhavam-na, porém, deslumbradas e apalavam à tração, com medo dalgum sopapo, os tecidos lustrosos de que se compunha a toilette daquela noite em que pela primeira vez a jovem alcançara convite para o baile na "Sociedade", convite que tanto a desvanecera. Um vestido um pouco acanhado — o tecido não gera para mais, — um casacoito de veludo de algodão, orfandíssimo, metes e capatos improprios como o resto para afrontar aquele rude tempo de fevereiro.

A magra refeição decorria triste. Os homens mistigavam silênciosos, a velhota tossia entre suas colheradas de caldo, as crianças, esfomeadas mas sonolentas, repartiam-se entre as duas imperiosas necessidades. Só a voz da mãe se fazia ouvir a acariciar ou incitar o pequenino. A alegria da rapariga mesmo, sossobrara ao sentar-se à mesa: o rosto vinca-se-lhe numa expressão de tédio e de revolta.

A chuva caía cada vez com mais violência, o vento assobiava tremendo e os raios transeuntes avançavam vacilantes nas suas alagadas.

No vão duma escada, negro como breu, encolhido, ensofado, com o guarda-chuva desvirado, encontrava-se a rapariga de vestido sedoso e casacoito de veludo. Não fica muito longe da sua casa das amigas que prometem acompanhar-lhe à "Sociedade", mas o temporal nem tanto a deixou caminhar, e foi bem a Providência que a arremessou para aquela porta que, inchada pela humidade, não ajusta e fica escancarada todo o dia e toda a noite.

A rapariga começou a tossir e, pouco depois, abriu-se a porta ao alto da escada. De candela na mão um vulto assomava e interrogava.

— Quem está aí? Não quero vir para o lume emquanto não passa mais a chuva? — Sou eu, a Rosalina. Obrigada, senhor João. Não se incomode!

E a rapariga sentiu, como uma onda de calor que lhe subia ao rosto, que não teria coragem para afrontar o olhar límpido, mas inquiridor, do tio João Canastreiro e o da filha, ao entrarem em casa, em preparos de festa, sózinha, aquela hora de noite de carnaval.

Mas já a Lúcia «Canastreira» descia, com aquela afectiva simplicidade e franca alegria que a faziam querida de todos, e a punava.

— Está claro que vens para cima, e que não há-de sair sem te dermos licença. Ora essa!

Ananás...

— Temos outra? — Outra quê? — Outra, malagueira tua? Todos os dias te vejo passar tempo esquecido a contemplar essas arvores que tens no teu viveiro. Cuidas que crescem mais depressa por olhares para elas? — Não; mas é que tenho cá uma ideia... — Há-de ser fresca... — Fresca ou não, é minha, e por muito fresca que te pareça não será mais fresca que algumas das tuas... — Por exemplo? — A de não quereses que o teu rapaz aprenda a doutrina! — Boa vai ela! E que tem que ver a doutrina do catecismo, com as tuas macieiras e pereiras? — Eu te digo, Cada vez que vou a Lisboa, nunca deixo de comer ananás. É a fruta de que mais gosto. Aquilo é que é um fruto! — E pena ser tão caro! Mas não há peções, nem peras, nem maçãs, que valham umas rodélas de ananás, com vinho fino e açúcar... — Concopto, e está-me a fazer "rescar" água na boca... — Só para comer ananás com farinha, palavra de honra! Valia a pena ir para o Brasil... — Olha que já um padre jesuíta português, escreveu, na História Trágico-Marítima, que só para terem com farinha ananases valia a pena irem para o Brasil, os que soarem de cálculos na bexiga, porque dizia ele, que para esse mal é remédio infalível o ananás... — Pois penso — é cá a minha ideia! — criar ananases no meu quintal... — Eu bem dizia que havia de ser fresca a tua ideia! — E porque não? — Porque não? O filho, tu estás doído? Tu não vês que o ananás, como as bananas, as mangas, as nonas, são frutos que se não dão nos nossos climas? E ainda que se dessem, com calor artificial, em estufas, era preciso teres a semente... — A semente? — Sim, a semente? — A semente? Mas então não basta a terra, e estrume e a rega? — Dize logo para mim, Tu estás

O culto de Nossa Senhora da Fátima

NOS AÇORES

Na Salga, freguesia da Ilha de S. Miguel, nos Açores, o Rev. Vigário, Padre Francisco Xavier Vaz Pacheco, promoveu importantes festas em honra de Nossa Senhora da Fátima nos passados dias 12 e 13 de Maio.

Houve na noite de 12 uma brilhante procissão de velas tomando nela parte cerca de 2.000 pessoas. Pela manhã de 13 uma numerosa comunhão geral acompanhada de cânticos muito bem dirigidos.

Pregou além do Rev. Xavier, pároco da freguesia, o Padre Francisco Correia, da Achadinha.

Foi dada a Bênção do S. Sacramento a 20 doentes e depois a todo o povo.

(Do Diário dos Açores).

EM ESPANHA

O Rev. D. Bonifácio Sedeño Oro, pároco de S. Ginés, em Madrid, acompanhou no ano passado a Fátima a peregrinação da Juventude Católica Feminina, presidida por S. Ex. Reverendíssima o Senhor Bispo de Madrid.

No seu jornal «Hoja parroquial», número de Maio de 1936, descreveu a sua peregrinação em termos entusiásticos, mostrando todo o seu reconhecimento pelas graças recebidas.

NA ALEMANHA EM FRIBURGO O triunfo da Mãe

Quem alguma vez tiver visitado num dia 13 a Igreja de S. Conrado em Friburgo, há-de ter ficado admirado com a formidável torrente de gente que se aglomerou ali. Tem-se acusado várias vezes o povo Alemão de indiferença. Aqui em S. Conrado, lateja durante os dias da novena (5 a 13 de cada mês) uma vida religiosa tão intensa, que sem querer nos arreata.

Não são as aparências exteriores que mais profundamente nos impressionam, como uma meia dúzia de camiónes grandes montanhesees que chegam com devotos, ou o pátio construído expressamente para as bicicletas, que se tornou demasiado pequeno para os veículos sem conta encostados à igreja em espessas filas. Mais impressão faz a afluência de gente para as devoções repetidas nos domingos da novena já duas horas antes do princípio delas, a ponto do espaço grande da igreja oferecer o aspecto dum mar de cabeças desde o portal da entrada até ao altar mór. Nestas ocasiões, a aliás simples igreja de beton é verdadeiramente impressionante. É ali, adiante, entre o côro e a nave da igreja, que se avista duplamente bela, a magnífica estátua da Fátima, da Senhora do Rosário, no meio de inumeráveis velas e flores.

Tudo isto impressionará e fará reflectir a gente simples, mas

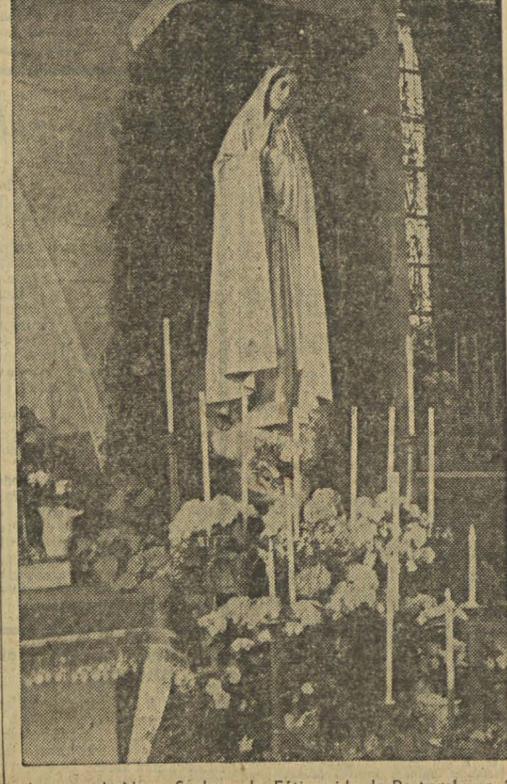
o que torna notáveis estas novenas da Fátima é a confiança com que oram estas pessoas, é a onda arrasadora da oração comum que leva as almas ao amor da celestia Senhora. Ali ouvimos vozes de homens falando — Lhe a língua ruda da vida quotidiana. Ali nas orações das mulheres, sobressaem as penas maternais. E no meio disso soam como campainhas de Anjéus as vozes das crianças que encantam com a sua inocência e pureza juvenil.

A maneira que aumenta a devoção a Maria Sant.ª aumenta igualmente o numero dos fiéis nas igrejas e das Comunhões. Na verdade a devoção a Maria é o caminho para Cristo. Por Maria a Jesus.

EM WENDING

Todos os meses no dia 13 se junta na igreja da romagem Maria Brunnlein (Maria Fontesinha) em Wending numerosos peregrinos da Fátima. Há sempre uma novena preparatória para este dia. No dia 13 de Maio, aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora na Fátima, vieram os peregrinos em grande numero. Foram recebidos com uma conferência preparatória. O espirito da Fátima é um espirito de oração e de penitência. A celebração de muitas missas e uma numerosa recepção dos Sacramentos deram ao dia uma nota solene.

Nos intervalos rezou-se o Rosário com a jaculatoria que Nossa Senhora ensinou aos três pastorinhos da Fátima. No sermão da festa tornou-se a mostrar aos peregrinos o amor maternal de Maria, aquêle grande amor de Mãe, que ainda hoje visita visivelmente os seus filhos como aconteceu no ano de 1917 na Fátima. A tarde reuniram-se de novo os peregrinos na igreja da romagem e ouviram palavras animadoras sobre a devoção do Rosário que Nossa Senhora recomendou aos três pastorinhos, e néles a nós todos com muita instância.



«Imagem de Nossa Senhora da Fátima ida de Portugal que é nerada na Igreja de São Conrado em Friburgo de Brisgóvia e tem sempre duas velas acesas desde o dia da inauguração do culto em 1934».

Graças de Nossa Senhora da Fátima

NO CONTINENTE

Nefrite azotémica Em seis de Setembro de 1934, foi enviada de S. Caetano — Cantanhede, à «Voz da Fátima» uma carta assinada pela Ex.ª sr.ª D. Glória Fernandes, com os dizeres seguintes:

«Havia já 6 anos que eu sofria de ralas pulmonares, bronquite, albumina e outras complicações interiores, quando o meu médico assistente, depois de me ter examinado por diversas vezes, de me ter mandado ao Ralo X, e de ter emfim empregado todos os esforços de que era capaz sem resultado algum sensível, me declarou abertamente que não sabia que mais fazer-me, que não se entendia com a tua doença. Consultei depois outros médicos que me disseram a mesma coisa.

Vendo-me assim desenganada, resolvi abandonar todos os remédios da terra. Aconselhada, porém, por pessoas amigas, fui aliada ter com outro médico que me diziam ser invulgarmente entendido. Este, depois de me examinar atentamente, declarou que a minha doença, devia ser uma «Nefrite azotémica» e co-sinistra, a qual algumas gotas de água do seu Santuário. Em tão boa hora nos dirigimos a N.ª S.ª da Fátima, onde principiando logo a doente a melhorar da sua doença da qual se encontra hoje restabelecida. Já foi pessoalmente ao Santuário agradecer a Nossa Senhora da Fátima, a quem levou uma pequenina esmola, a maternal protecção que lhe dispensou na sua enfermidade. Hoje, venho reconhecidíssimo agradecer publicamente a Nossa Senhora tão apreciável favor. Bem dita seja mil vezes a Augusta Rainha do Céu, Saúde dos enfermos e nossa doce Saverana».

António Gomes de Carvalho — Pampilhosa do Botão. Graças diversas — D. Maria d'Assunção (Condessa de Fornos de Algodres) — agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça temporal que alcançou por sua maternal intercessão.

— D. Maria José R. Cloga — Lumiar, tendo alcançado de N.ª S.ª a cura de seu marido que os médicos haviam declarado perigosamente doente, vem agradecer publicamente tão insigne favor.

— António Augusto — Almada, testemunha o seu agradecimento a N.ª S.ª da Fátima por uma graça que lhe foi concedida por sua maternal e misericordiosa intercessão.

— D. Maria Adelaide R. de Castro P. Lopes — Vila Nova de Fozcoza, diz: «Tendo adoecido gravemente um dos meus filhos, dei-lhe umas gotinhas da água do Santuário da Fátima e pro-

a quem me confiei inteira e exclusivamente. Glória Fernandes — S. Caetano. Doença nervosa «Cheio de gratidão para com a Mãe de Deus, Maria Santíssima, venho cumprir a minha promessa de agradecer na «Voz da Fátima» a grande graça que N.ª S.ª me dignou conceder-me: — a cura de uma minha filha que, com uma doença nervosa, sofreu mais de dois anos, passando muitas noites inteiras sempre chorando sem se atrever a explicar sequer o que sofria, e passando semanas inteiras sem se alimentar. Foram consultados diversos médicos, entre eles o sr. dr. Américo Couto, da Mealhada, e o sr. dr. Abel Lindo, de Pampilhosa do Botão, que visitaram a doente por diversas vezes, mas cujos medicamentos não deram o resultado desejado. Desaminada toda a família com uma doença tão grave e prolongada parecia impotente, depois de ter recebido todos os últimos sacramentos de preparação para a morte, recorremos ainda à Santíssima Virgem Nossa Senhora da Fátima, dando a beber à doente algumas gotas da água do seu Santuário. Em tão boa hora nos dirigimos a N.ª S.ª da Fátima, onde principiando logo a doente a melhorar da sua doença da qual se encontra hoje restabelecida. Já foi pessoalmente ao Santuário agradecer a Nossa Senhora da Fátima, a quem levou uma pequenina esmola, a maternal protecção que lhe dispensou na sua enfermidade. Hoje, venho reconhecidíssimo agradecer publicamente a Nossa Senhora tão apreciável favor. Bem dita seja mil vezes a Augusta Rainha do Céu, Saúde dos enfermos e nossa doce Saverana».

— D. Maria da Guia Soares — Vila do Conde, agradece a N.ª S.ª da Fátima o bom resultado de uma operação melindrosa a que teve de sujeitar-se uma pessoa de sua família. Era a 2.ª vez que esta pessoa devia ser operada da mesma doença, pois que a primeira operação não dera bom resultado. Recorrendo que a segunda operação desse também mau resultado invocou N.ª S.ª da Fátima em socorro da doente, e graças a Deus, tudo correu bem e com óptimos resultados.

— D. Maria Inês Sequeira Coelho — de Pondá, Índia Portuguesa, diz: «Agradeço a N.ª S.ª da Fátima a cura de meu irmão Virgílio que, desde pequeno vinha sofrendo de asma».

— D. Maria Inês Sequeira Coelho — de Pondá, Índia Portuguesa, diz: «Agradeço a N.ª S.ª da Fátima a cura de meu irmão Virgílio que, desde pequeno vinha sofrendo de asma».

— D. Maria Inês Sequeira Coelho — de Pondá, Índia Portuguesa, diz: «Agradeço a N.ª S.ª da Fátima a cura de meu irmão Virgílio que, desde pequeno vinha sofrendo de asma».

— D. Maria Inês Sequeira Coelho — de Pondá, Índia Portuguesa, diz: «Agradeço a N.ª S.ª da Fátima a cura de meu irmão Virgílio que, desde pequeno vinha sofrendo de asma».

— D. Maria Inês Sequeira Coelho — de Pondá, Índia Portuguesa, diz: «Agradeço a N.ª S.ª da Fátima a cura de meu irmão Virgílio que, desde pequeno vinha sofrendo de asma».

COISAS QUE EU PENSO

E esta tenho-a pensado muitas vezes: a grande maioria dos 360.403 leitores da Voz da Fátima não são pessoas muito dadas à leitura de livros. É fácil prova-lo. Quando se publica um livro em Portugal, tiram-se a médio uns dois mil, três mil exemplares. E quando se esgotam esses, faz-se outra edição, ainda mais a médio, de outros dois, três mil. E quando um livro, em pouco tempo, consegue três, quatro, cinco edições, celebra-se o facto, dizendo que teve um êxito retumbante, que alcançou uma leitura extraordinária.

Ora cinco edições do mesmo livro, ainda que sejam de 5.000 exemplares cada uma, são 25.000 compradores. Que cada um destes a faça ler por cinco pessoas, são ainda assim só 125.000 pessoas que o leem.

E o nosso jornal é mandado para 360.403! E se em média cada exemplar recebido é lido por duas pessoas são 700.000 leitores!

Acrescente-se a isto, que desces 25.000 leitores de livros bastantes milhares... não são leitores da Voz da Fátima...

E a que propósito vem isto? Vem a propósito de um livro muito interessante que apareceu agora, e que é um dos tais que alcançam o que se chama um êxito retumbante!

Esse livro trata dum assunto que nos interessa muito a todos, a sábios e ignorantes, a novos e velhos, a ricos e a pobres — trata... do homem! Interessante portanto a todos os indivíduos da espécie humana.

Esse livro, de mais a mais, não está ainda traduzido em português, e mais reduzido é o número de milhares de pessoas que o lê, ora, ou não.

Pois eu resolvi falar dele aos leitores da Voz da Fátima, e de maneira que todos eles me entendam. Porque todos nós estamos sofrendo as consequências de erros que nesse livro se confessam e é bom que todos saibamos como agora falamos os que ainda há poucas dezenas de anos falavam doutra maneira.

E é com grandíssimo prazer que escrevo estas linhas, lembrando-me que elas vão ser lidas pelos 360.403 mil leitores da Voz da Fátima, pelos 700.000 se cada um deles o der a ler a outro, por mais de um milhão se cada exemplar for lido por três. Eu creio que ainda não estão convencidos todos da grande graça de Nossa Senhora que é para a nossa pátria, de que ela é Padroeira, o termos esta tribuna donde todos os meses nos podemos fazer ouvir de quasi a sétima parte da população geral do país.

Nenhuma outra publicação portuguesa tem tamanho público! Vamos ao livro. Nem lhe citarei o nome, que não é preciso. Apareceu há poucas semanas, feito por um sábio médico americano, que não é católico, mas se mostra muito independente, e imparcial no que diz, e muito respeitador das religiões em geral e da católica em particular.

Ora agora estejam atentos os leitores ao que ele confessa. Um dos grandes males da nossa sociedade foi, há vinte, trinta, quarenta anos, a ideia que deram ao povo muitas pessoas de estudos — médicos, advogados, militares de patente — de que a religião era boa para gente ignorante, para o povo rude, mas que era assunto particular, com que a sociedade nada tinha que ver. Isto no melhor dos casos, pois muitas vezes essa gente, mostrando-se completamente alheia às coisas religiosas, não se limitava a criar na gente rude a impressão de que a religião não servia para os sábios, e fazia luxo de a atacar, ou de a pôr em ridículo.

A ciência era a deusa do dia; era ela que ia transformar o mundo, saciar as aspirações humanas, fazer da terra o verdadeiro paraíso, deixando o outro, o véio, para as piedosas ilusões de beatas e ignorantes.

Apregoa-se que a ciência tinha enxotado os mistérios da religião desvendando os mistérios da natureza, e que o mundo, por obra e graça da ciência ia ser uma mansão de felicidade.

Pois bem: acabo de ler as 400 páginas deste livro, que nos vem da América, dos Estados Unidos, da nação mais adiantada em ciência, em industria, em riqueza, em progresso material, e... francamente! é de cair... das nuvens, para não empregar outra expressão mais popular colhida entre os vários modos de cair!

A ciência confessa, já no próprio título do livro, a sua ignorância sobre o próprio homem! O homem, na sua completa natureza, é ainda um desconhecido!

E diz o sábio que para conhecer bem todo, serão precisos ainda estudos de muitos séculos, e experiências que deverão durar, algumas, mais de cem anos!

«Com efeito, diz ele (pág. 4) a nossa ignorância é enorme. A maior parte das perguntas que formulam aqueles que estudam os seres humanos continuam sem resposta. Regiões imensas do nos-

so mundo interior são ainda desconhecidas.»

E tal por aí fora ennumerando todas as ignorâncias da ciência a respeito do homem.

Mas então, se a ciência é ignorante, com que direito vinham esses sábios de há trinta, quarenta anos, arrancar com o seu exemplo a religião ao povo, ou afirmar que a religião era, quando muito, boa para os ignorantes?

E que é feito desse paraíso que a ciência nos prometia, substituindo as consolações da religião? Oçam, que vale a pena, o que ele diz a pag. 24:

«E estamos vendo que, apesar das imensas esperanças que a humanidade tinha pôsto na civilização moderna, esta civilização ainda não foi capaz de desenvolver homens bastante inteligentes e arrojados para dirigir o mundo no caminho perigoso por onde ela se meteu. Os seres humanos não se engrandeceram ao mesmo tempo que as instituições que saíram dos seus cérebros. E sobretudo a fraqueza intelectual e moral dos chefes, e a sua ignorância, o que pôe em perigo a nossa circulação.»

O sentimento religioso, diz ele (pág. 158), «recomeça a manifestar-se entre os homens de alta cultura. E — fenómeno estranho! — as grandes ordens religiosas já não têm lugares suficientes nos seus mosteiros para receber a gente nova que quer, pelo caminho da ascética e da mistica, penetrar no mundo espiritual.»

Isto trocado em miúdos para os leitores da Voz da Fátima quer dizer:

Há quarenta anos afirmava-se que a ciência sabia o bastante para deixar a religião só para uso de ignorantes. Agora, com essa ciência que até a respeito do homem a ciência tinha pouco sabido! A ciência tinha prometido transformar o mundo num paraíso — e agora reconhece que fez dele pouco menos que um inferno, onde em vez de ranger dentes há tiros por toda a parte. Esses médicos, advogados, etc., que deram a crer ao povo que possuíam os segredos da felicidade humana, enganaram-se e enganaram-no, e agora nas altas esferas do pensamento renasce a ansia da religião, porque sem ela, no mundo, diz ainda o sábio, a vida se tornou quasi impossível...

O maior pensador francês da actualidade, Bergson, acaba de converter-se ao catolicismo... (Continua)

B. A. Lança

Cinco minutos ao cavaco

Os pobres bem quereriam ter a sua castiça, mas encontram sempre a oposição desses tubarões.

— O compadre Aristides, também por cá há disso! Não faltam por aí proprietários, com quintas a perder de vista e terras por cultivar, que não são capazes de ceder um metro do terreno! Outros, com matas e bosques a criar lobos, pinheiros velhos a ganhar tortulho, lenha a podrecer, e não há meios de se resolverem a dar à vizinhança o que nenhuma falta lhes faria!

— Pois acredite o compadre que a falta dos ricos é a principal causa do bochevismo. Se eles tentassem de facilitar que cada família tivesse a sua castiça, com o seu quintal, e nessa castiça houvesse um pouco de conforto, acabava o ódio dos pequenos contra os grandes. Todos ganhariam amor ao que era seu e poucos se meteriam em revoltas.

— Mas, ó compadre, esses crimes da Espanha não são também o fruto da falta de temor de Deus?

— Isso nem se pergunta, compadre Lirio. Salta pelos olhos dentro que os incendiários, assassinos, assassinos, bombistas, etc., são cristãos que não creem em Deus nem em Santa Maria. Quem perdeu a Fé, é pior que uma fera! Porém, os maiores culpados não são esses infelizes desorientados: são os jornais que lhes andam a envenenar o cérebro, são os propagandistas do comunismo, que lhes prometem Paraísos na terra, sabendo perfeitamente que não cumprem o que prometem, são enfim, muitos dos grandes capitalistas, proprietários e industriais, que pensam que só eles é que têm estômago e não sabem saber dos seus semelhantes! Se os grandes fossem mais amigos dos pequenos, se compreendessem bem que somos todos irmãos, se organizassem associações para acudir às classes populares e não as deixassem passar fome, não haveria tanto bochevismo! Se não se deixassem desorientar a massa operária, não teríamos a lamentar estas explosões horríveis da fera humana. A conclusão é esta: compadre, em todos os países a revolução tem que fazer-se de baixo para cima ou de cima para baixo.

— Mas isso que queres dizer, compadre Aristides?

— Queres dizer que os grandes dão a mão aos pequenos, ou que tiram dum situação injusta e desmerecida, ou os pequenos liquidam os grandes, a fina força. Ou os católicos tratam de cumprir os deveres sociais, ou os inimigos da Religião e da Pátria levarão tudo a ferro e fogo.

Ou cuidamos em dar melhores sentimentos ao povo, fazendo Acção Católica, como o Santo Padre a quem, ou está tudo perdido. Chegou a hora de escolher: ou os grandes sacrificam as suas ambições, ou apertarão quem has tire a força. Será então a desgraça de todos.

NA AMÉRICA DO NORTE

— D. Maria Ponte — da América do Norte, diz ter recebido por intercessão de N.ª S.ª da Fátima uma graça particular cuja concessão aqui vem agradecer.

VISADO PELA CENSURA

— D. Maria A. Ferreira Mar-

